

2 Editorial

3 Curar o corpo, sarar a alma: a missão médica jesuíta na Índia do século XVI *Ines G. Županov*

Curing the Body, Healing the Soul: The Jesuit Medical Mission in Sixteenth-Century India

20 Representações do Golfo Pérsico nas fontes portuguesas, 1550-1600

Rui Manuel Loureiro

Images of the Persian Gulf in Portuguese Sources, 1550-1600

41 Angkor *Manuel Magalhães*

Angkor

60 Stefano Borgia (1731-1806) e o Orientalismo da “Europa das Luzes”

Maria Cristina Osswald

Stefano Borgia (1731-1806) and Orientalism in Enlightenment Europe

78 Do ritual ao coleccionismo: inspiração e influências mútuas entre a cerâmica e a metalurgia do bronze na China *Inma González Puy*

From Ritual to Collection: Inspiration and Cross-Influences in Ceramics and Bronze in China

104 Os Timorenses em Portugal: motivações e objectivos *Célia Antunes*

The Timorese in Portugal: Motivations and Objectives

120 Recensões

Book Reviews

127 Notícias

News

editorial

Este número da *Oriente* abre com um artigo de Ines Županov, investigadora do Centre National de la Recherche Scientifique de Paris, que desenvolve um excelente texto sobre a “missão médica” jesuíta no Estado da Índia ao longo do século XVI. Centrando-se na máxima cristã de que curar o corpo pouco sentido fazia se não se curasse a alma, o texto reflecte as inevitáveis tensões entre a prática da Medicina e a Religião, nomeadamente quando a Medicina e o seus intérpretes faziam parte do esforço de evangelização do Padroado português e eram convidados a dividir as suas funções entre o cuidado pastoral aos expatriados portugueses e suas famílias e a conversão da população não-cristã.

Se o objectivo proselitista revelado através da “prática médica” dos Jesuítas no Estado da Índia mostra a preocupação cristã pela alma e seus caminhos, também o artigo que se debruça sobre os ancestrais e extraordinários bronzes chineses – e a sua relação com a cerâmica – mostra a preocupação de várias etnias e culturas que se desenvolveram na China em bem fazer acompanhar o defunto na sua última viagem, colocando junto deste bens valiosos entre os quais se incluíam as peças de bronze.

Neste número, em que tentámos privilegiar a riqueza de algumas das imagens seleccionadas, não poderíamos deixar de fazer uma menção aos mapas do Golfo Pérsico que cartógrafos portugueses foram debuxando ao longo do século XVI, às singulares esculturas e representações de divindades que faziam parte da colecção de Stefano Borgia e ao *port-folio* que nos mostra um olhar sobre a cidade de Angkor.

Por fim, uma menção ao artigo sobre Timor no qual o Tempo que se analisa parte de um Passado dorido, para projectar um Futuro que se quer melhor mas necessariamente consciente.

ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA

EDITORIAL This issue of *Oriente* begins with an article by Ines Županov, a researcher at the Centre National de la Recherche Scientifique, in Paris. Her excellent text examines the Jesuit “medical mission” in the Portuguese State of India during the sixteenth century. The Jesuits based their efforts on the Christian maxim that curing the body made little sense if the soul were not healed. Given this situation, the text reflects the inevitable tensions between the practice of medicine and religion, specifically when medicine and its practitioners were part of the efforts of the Portuguese *padroado* to proselytise and were encouraged to divide their time between pastoral care for the Portuguese expatriates and their families and converting non-Christians.

The aim of proselytising, as revealed by the Jesuits’ “medical practice” in the State of India, demonstrates the Christian concern for the soul and the path that it took. In turn, the article on ancient and extraordinary Chinese bronzes, which also covers their relationship with pottery, demonstrates the concern shown by the ethnic groups and cultures that developed in China to provide proper company for the deceased on their last journey – in the form of bronze and other items.

In a journal that places particular emphasis on the quality its images, we also include articles on the maps of the Persian Gulf that Portuguese cartographers drew throughout the sixteenth century, the unique sculptures and images of deities that were part of the collection of Stefano Borgia and a portfolio that offers an individual vision of the city of Angkor.

Finally, special mention must be made to the article on Timor, where the concept of time under analysis starts from a troubled past and projects forwards into a future that we all sincerely hope is better, yet must necessarily be aware of that past.

Publicada pela
Published by the
Fundação Oriente
Lisboa

Director
António Alçada Baptista

Editora
Editor
Carla Alferes Pinto

Conselho Consultivo
Consultative Committee
João de Deus Ramos
João Calvão
João Paulo Oliveira e Costa
Jorge Manuel Flores
Rafael Moreira
Rosa Perez

Design gráfico
Graphic design
TVM designers / Luís Moreira

Tradução
Translations
Richard Trewinnard
Marta Duarte Amaral
Ana Márquez
António Alves Martins

Revisão
Proof reading
Cristina da Silveira de Carvalho
Richard Trewinnard

Publicidade e assinaturas
Advertising & Subscriptions
dcultura@oriente.pt

Impressão
Printing
Heska Portuguesa, SA

FUNDAÇÃO ORIENTE
Rua do Salitre, 66-68
1269-065 Lisboa
dcultura@oriente.pt
www.oriente.pt

Tiragem
Copies
3000

Depósito legal
173 431/01

Registo no ICS
n.º 123953

Distribuição
Distribution
Assírio & Alvim

Todos os direitos reservados.
All rights reserved.

Apóio/Support

FUNDAÇÃO
ORIENTE

MIC
MUSEU DA CULTURA



CAPA:
Pormenor de altar indiano
dedicado a Vishnu. Museu
do Vaticano. Imagem
reproduzida com permissão
dos Museus do Vaticano –
Museu Missionário-
Etnológico, Vaticano
(AS 8433, Coll. P.P.F4)

COVER:
Detail of Indian altar
dedicated to Vishnu. Vatican
Museums. Picture reproduced
by permission of the Vatican
Museums – Museo
Missionario Etnologico, Vatican
(AS 8433, Coll. P.P.F4).

Curar o corpo, sarar a alma: a missão médica jesuíta na Índia do século XVI

(Curar o corpo, sarar a alma: a missão médica jesuíta na Índia do século XVI)

O ENVOLVIMENTO DOS JESUÍTAS NOS cuidados médicos e hospitalares nas suas missões ultramarinas na Índia e na Ásia do século XVI criou problemas normativos e práticos. De acordo com a lei canónica, aos padres ordenados não era permitido estudar ou praticar medicina, para além de actos caritativos simples, sem uma dispensa papal especial.¹ Inspirados em parte pela renovação da actividade filantrópica do final do século XV e início do século XVI levada a cabo por comunidades laicas e religiosas, os jesuítas desenvolveram e organizaram tarefas caritativas, tornando-se num dos mais importantes precursores das instituições sociais e de previdência modernas.²

Curar o corpo, do ponto de vista cristão, pouco sentido fazia se não se curasse a alma. Este princípio, baseado na espiritualidade e na irmandade, estava no cerne das confrarias e da Misericórdia.³ Mas foram os hospitais jesuítas que, em territórios não-cristãos tão vastos como a Índia, se tornaram verdadeiras “missões”.⁴ O meu objectivo é examinar a “missão médica” jesuíta no Estado

da Índia e na sua capital, Goa, no século XVI e relatar a sua ascensão e declínio, ou, mais precisamente, explicar uma re-orientação importante no envolvimento jesuíta na assistência médica.

No fim do século XVI, os jesuítas de Goa afastaram-se progressivamente do fornecimento de ajuda médica directa como físicos e cirurgiões profissionais e, em vez disso, dedicaram-se à administração hospitalar a uma escala mais alargada. Por todo o lado na Índia e por toda a Ásia foram criados dispensários em todos os territórios das missões jesuítas, mas a cura era deixada, em geral, nas mãos dos convertidos locais.⁵

> A encenação da cura jesuíta para lá da Europa

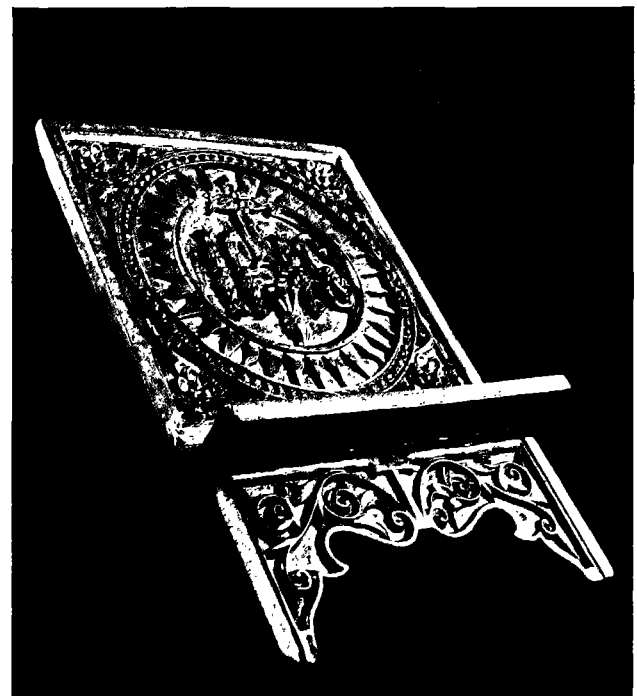
Desde a chegada de Francisco Xavier a Goa, em 1542, menos de dois anos depois da aprovação final da Companhia de Jesus feita por Paulo III, até ao final do século XVI, apareceram edifícios jesuítas por toda a Ásia. Podiam ser simples cabanas de lama ou grandes colégios com

Estante de missal indo-portuguesa em madeira ostentando as insígnias IHS da Companhia de Jesus. Século XVII. Colecção da Fundação Oriente, Lisboa.
Wooden Indo Portuguese lectern with the insignia IHS of the Society of Jesus. 17th century. Collection of the Fundação Oriente, Lisbon.

JESUIT COMMITMENT to hospital and medical care in their overseas missions in India and Asia in the sixteenth century created both normative and practical problems. According to canon law, ordained priests were not allowed to study or practice medicine beyond common charitable acts without a special papal dispensation.¹ Inspired partly by the renewal of philanthropic activities within lay and religious communities that marked the late fifteenth and early sixteenth centuries, the way in which the Jesuits carried out and organised charitable tasks became one of the most prominent precursors of modern social and “welfare” institutions.²

From a Christian standpoint, curing the body made little sense without curing the soul. The same guiding idea, based on spirituality and confraternity, was at the heart of the confraternities and of the Misericórdia.³ But it was Jesuit hospitals that, in such vast non-Christian territories as India, became veritable “missions”.⁴ My concern here is to examine the Jesuit “medical mission” in the Portuguese *Estado da Índia* and its capital Goa in the sixteenth century, and to chronicle its rise and decline, or more precisely, to delineate an important reorientation in Jesuit involvement in medical assistance.

Hence, by the end of the sixteenth century, the Jesuits in Goa progressively disengaged themselves from providing direct medical aid



igrejas, escolas, orfanatos, fábricas e confrarias laicas, dispensários e até mesmo hospitais. Os jesuítas, enviados sob a protecção do, e a obrigação perante, o Padroado português, eram convidados a dividir os seus esforços entre o cuidado pastoral aos expatriados portugueses e suas famílias e a conversão da população não-cristã.⁶

A Companhia de Jesus sempre se apresentara como sendo composta por homens de vários ofícios, por engenheiros sociais transnacionais, convidados a reparar os vínculos sociais e a solidariedade que a *intelligentsia* católica julgava terem ficado danificados pelos movimentos da Reforma e pela luta pela expansão geográfica. O mundo estava doente e o remédio que os jesuítas propunham era o “amor”, ou seja, um tipo especial de vínculo social, que imperfeitamente se assemelharia ao amor divino e que estaria implantado entre os povos de todo o mundo.⁷ O amor jesuíta privilegiava a paz social à custa da uniformização e da codificação hierárquica. O procedimento era sempre o mesmo, de acordo com a críptica prescrição de Loyola, “*entrar con el otro y salir consigo*”, ou seja, era necessário entrar primeiro em comunhão com o Outro para se conseguir chegar ao fundo de si mesmo. Numa palavra, a reforma do interior precedia a moldagem do exterior.

Na encenação teatral recorrente das acções jesuítas nestas negociações mundanas e extra-mundanas, as luzes inci-

as professional physicians and surgeons, and became involved instead in larger-scale hospital administration. Elsewhere in India and Asia, dispensaries were set up all over the Jesuit mission territories, but the cure was, as a rule, left in the hands of local converts.⁵

Jesuit Healing *Mise-en-Scène* Beyond Europe

From Francis Xavier’s arrival in Goa in 1542, less than two years after Pope Paul III’s final approval of the Society of Jesus, until the end of the sixteenth century, Jesuit edifices appeared throughout Asia. These ranged from simple mud huts to huge colleges with “attached” churches, schools, orphanages, *fábricas* and lay confraternities, dispensaries, and even hospitals. Sent under the protection of and obligation to the Portuguese royal patronage (*padroado*), the Jesuits were invited to divide their efforts between the pastoral charge of the Portuguese expatriates and their local families, and the conversion of the non-Christian population.⁶

The Jesuits presented themselves from the start as transnational handymen, social engineers, *bricoleurs*, who had been invited to repair the social bonds and solidarity that the Catholic *intelligentsia* perceived as having been damaged by the Reformation movements and the scramble for geographical expansion. The world was sick and the remedy the Jesuits proposed was “love”, that is, a special kind of

diam em corpos doridos, no medo e no sofrimento, e no trabalho e resistência físicos dos jesuítas. Uma carta escrita por Gaspar Barzaeus a Loyola no início de 1553 mostra um pouco de uma época particular do calendário que, ano após ano, continuava a mobilizar muitas energias jesuítas em Goa, aumentando a reputação da missão “médica” da Companhia entre os Portugueses. Entre Abril e Setembro os jesuítas eram enviados para trabalhar nos hospitais da cidade, pois era o período de grande calor em Goa que, de acordo com a teoria dos humores hipocrático-galénica então aceite, gerava doenças mortais entre a população.⁸ De Julho a finais de Setembro chegavam navios vindos de Portugal com inúmeros soldados e passageiros doentes. Remando em pequenos botes de encontro aos navios, desembarcando os portugueses exaustos e moribundos, que sofriam de má-nutrição, escorbuto, diarreia e outras doenças contagiosas, os jesuítas desempenhavam, também, estas tarefas de forma rotineira na Goa do século XVI.⁹

> Cura e conversão: o Hospital dos Pobres

Num documento interno escrito em 1546 acerca das regras de comportamento (as *Constituições*) no Colégio de S. Paulo em Goa, Nicolao Lancilotto explicava porque é que o Hospital dos Pobres tinha sido “agrupado” ao colé-

social bond, imperfectly resembling the divine love and implanted among the peoples all over the globe.⁷ Jesuit love emphasises social peace at the cost of uniformisation and hierarchical codification. The procedure is always the same, according to Loyola’s cryptic prescription, “*entrar con el otro y salir consigo*”, one had to enter with the other in order to make him come out (of himself). In a word, the reformation of the interior precedes the fashioning of the exterior.

In the recurrent theatrical *mise-en-scène* of Jesuit actions in this-worldly and other-worldly negotiations, the spotlight shone on bodies in pain, on fear and suffering, and on Jesuit physical labour and endurance. A letter written by Gaspar Barzaeus to Loyola early in 1553 provides a glimpse into a particular calendrical season that, year after year, continued to mobilise a great deal of Jesuit energies in Goa and enhanced the reputation of the Society’s “medical” mission among the Portuguese. Between April and September, the Jesuits were sent to work in the town hospitals because it was the period of great heat in Goa which, according to the accepted Hippocratic/Galenic humoral theory, generated mortal diseases among the population.⁸ From July to the end of September, ships from Portugal arrived with large numbers of sick soldiers and passengers. Rowing out in small vessels to meet the incoming ships and the disembarking, exhausted and dying Portuguese, who were suffering from malnutrition, gum

São Francisco Xavier curando um enfermo em Goa, André Reinoso, 1619. Pormenor. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa-Museu de São Roque (n. inv. 95). Fotografia de Laura Castro Caldas & Paulo Cintra.
St. Francis Xavier curing a sick man in Goa André Reinoso, 1619. Detail. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa Museu de São Roque (inv. no. 95) Photo: Laura Castro Caldas & Paulo Cintra.



gio: “pera o effeito da conversão da gente desta terra serve muyto verem usarmos com elles todalas obras de msericordia e obrigação, pera que nam tenham cousa de dizer, que depois que se convertem a nosa santa ffe não temos cuidado delles...[por esta razão] ffoy ordenado o espirital pera a gente da terra”.¹⁰

Clara e directamente Lancilotto pressupunha que o Hospital devia chamar os não-cristãos às malhas da conversão. Por trás desta fachada propagandística, a assistência que os jesuítas proporcionavam aos mais indigentes em Goa era, não obstante, real e heróica.¹¹ O Hospital dos Pobres, “os da terra”, pretendia, obviamente, ser mais do que um simples hospital. Era um exemplo edificante da capacidade dos jesuítas de combinar de forma frutuosa e ordeira os trabalhos de misericórdia com o ministério da Palavra. Da mesma maneira, outros hospitais na Costa da Pescaria e no Japão seriam, por sua vez, considerados maravilhosos devido à ordem estabelecida no seu seio. A obsessão com a ordem indica que



Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Consolação, Goa. Fotografias da autora.

Façade of the church of Nossa Senhora da Consolação, Goa. Photos by the author

se entendia que ela faltava noutras instituições de caridade e, talvez, no Estado da Índia em geral. Pelo menos três outros hospitais eram mencionados nas fontes contemporâneas, sem grande entusiasmo pela sua eficácia: o Hospital del-Rey, o Hospital de Todos os Santos, estabelecido pela Santa Casa da Misericórdia de Goa para doenças incuráveis, e o Hospital de São Lázaro, para doenças contagiosas. Entre estas instituições a que teria maior reputação de curar doentes seria o Hospital del-Rey, embora as suas estatísticas de sucesso pareçam ter sido pouco brilhantes e confirmem o adágio que dizia que as probabilidades de se ser curado ou morto pelo físico eram iguais.

Mesmo que não enquanto físicos, os jesuítas em Goa estavam presentes em todos os hospitais e casas particulares, como confessores e enfermeiros. Foi apenas em 1560 que o primeiro cirurgião jesuíta, Pedro Afonso, começou a praticar no Hospital dos Pobres. Por essa altura, o Hospital já era famoso e recebia fundos do Estado da Índia. De acordo com Reymão Pereira, os antigos governadores e o Vice-Rei, Antão de Noronha, confirmavam em 1552 que a soma de 300 *pardaos* proveniente das receitas recolhidas em Bardez e Salsete deveria ser dada ao Hospital.¹² Com o dinheiro das receitas, as almas e as “reparações”, fora já construída junto ao Hospital a capela de

disease, diarrhea and other contagious diseases, was one of the routine tasks that the Jesuits performed in sixteenth-century Goa.⁹

Cure and Conversion: The Hospital of the Poor Natives

In an internal document written in 1546 concerning the rules of behaviour (the *Constitutions*) at the College of St. Paul in Goa, Nicolao Lancilotto explained why the Hospital of the Poor Natives had been “attached” to the college: “To make the conversion of the natives effective, it is very useful that they see us use with them all the works of mercy and obligation so that they cannot say that, after their conversion to our holy faith, we do not take care of them...For this reason, the Hospital was erected for the natives next to the house in order to be able to cure them”.¹⁰

Clearly and directly, Lancilotto presumed that the hospital was intended to draw non-Christians into the net of conversion. Behind this propagandist façade, the assistance which the Jesuits provided to the most indigent in Goa was, nevertheless, real and heroic.¹¹ The Hospital of the Poor Natives in Goa was obviously intended to be more than a common hospital. It was an edifying example of the Jesuit ability to fruitfully and in orderly manner combine the works of mercy with the ministry of the Word. In a similar way, other hospitals on the Fishery Coast and in Japan would in their turn be characterised as

Nossa Senhora da Consolação.¹³ E assim, escrevia Pereira, o Hospital dos Pobres, localizado numa rua muito movimentada (a *Rua da Carreira dos Cavallos*), tornou-se num edifício exemplar na paisagem urbana de Goa.

> **Cortando através dos membros dos gentios:
a vida de Pedro Afonso**

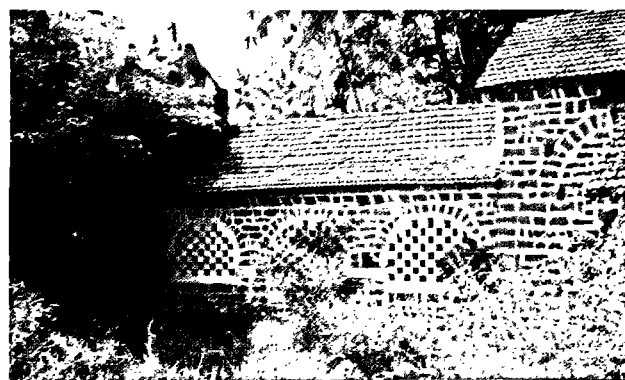
Antes de entrar para o noviciado na Companhia de Jesus em Goa, em 1557, Pedro Afonso completara três anos de prática como cirurgião em Lisboa.¹⁴ Em 1575, de acordo com o Catálogo jesuíta, tinha quarenta e cinco anos, não tinha sido ordenado padre e possuía apenas um talento, o de curar os doentes. Comparada com as carreiras de outros jesuítas, a de Pedro Afonso avançava muito pouco na escala profissional na Companhia de Jesus da Índia. Uma das razões para que isso acontecesse, segundo opinião unânime dos seus contemporâneos, eram o seu talento e habilidade especiais em endireitar ossos partidos, operar abscessos e coser carne dilacerada. Permitir a este famoso cirurgião e farmacêutico que se tornasse sacerdote seria pôr um fim à sua prática cirúrgica. Ao mesmo tempo, na segunda parte do século XVI, existia uma falta real de “bons” cirurgiões e físicos “cristãos-velhos” em Goa.¹⁵ Depois de 1560, com o

avanço da “limpeza” inquisitorial, os físicos cristãos-novos eram cada vez mais temidos e suspeitos de má-práticas ou de vinganças. Muito embora o compêndio médico-botânico *Colóquios dos simples e das drogas he cousas medicinais da Índia* publicado em 1563 em Goa por um dos mais famosos físicos cristãos-novos e vítima pós-tuma da Inquisição, Garcia de Orta, fosse ainda consultado nas décadas de 1560 e 1570, os físicos cristãos-novos eram evitados.¹⁶

Pedro Afonso manteve-se coadjutor temporal e físico até à sua morte em 1578, aos quarenta e oito anos, sem nunca se tornar padre. É possível que os seus superiores tenham decidido “chumbá-lo” em latim para o forçar a fazer bom uso das suas outras qualificações. Como escrevia numa carta entusiástica em 1560, Afonso considerava a administração da cura e de remédios a sua “missão”. É a rejubilação propagandística típica do novo recruta na expectativa de uma abundância de trabalhos missionários maravilhosos e excitantes.¹⁷ Explica o seu crescente sentimento de importância com um “martírio branco” diário induzido pela fadiga física e a repetição de inúmeras tarefas. Além disso, e visto que era um membro laico da Companhia, tinha também a responsabilidade da gestão de transações financeiras. Na carta faz a declaração mais clara

marvellous because of the order established within them. The obsession with order indicates that this was perceived as lacking in other charitable institutions and, perhaps, in the *Estado da Índia* in general. At least three other hospitals were mentioned in contemporary sources, without much enthusiasm for their effectiveness: the Royal Hospital (*Hospital del-Rey*), the Hospital for Incurables (*Hospital de Todos os Santos* established by the *Santa Casa da Misericórdia de Goa*), and the Hospital for Contagious Diseases (*São Lazaro*). Among these institutions, the Royal Hospital probably had the best reputation for curing patients, although its statistics of success appear to have been less than brilliant and confirm the adage that one had equal chances of being cured or killed by a doctor.

Even when they were not physicians, the Jesuits in Goa were present in all hospitals and in private homes as confessors and nurses. It was not until 1560 that the first Jesuit surgeon, Pedro Afonso, started to practice in the Hospital of the Poor Natives. By that time, the hospital was already famous and endowed with revenue by the *Estado da Índia*. According to Reymão Pereira, the former governors and the viceroy, Antão de Noronha, confirmed in 1552 that the sum of 300 *pardaos* be given to the hospital from the revenues collected in Bardes and Salsete.¹² With the revenue, the alms and “reparations”, a chapel – *Nossa Senhora da Consolação* – had already been constructed next



to the hospital.¹³ And thus, Pereira noted, the Hospital of the Poor Natives, located in a very busy street (*Rua da Carreira dos Cavallos*), became an exemplary edifice in the urban landscape of Goa.

***Cutting Through the Limbs of Gentility:
the Life of Pedro Afonso***

Before entering the novitiate of the Society of Jesus in Goa in 1557, Pedro Afonso had completed three years of training as a surgeon in Lisbon.¹⁴ In 1575, according to the Jesuit catalogue, he was forty-five

Fachada lateral da Igreja de Nossa Senhora da Consolação. Side of the church of Nossa Senhora da Consolação.

sobre os objectivos de uma missão médica jesuíta. O Hospital dos Pobres era, nas suas palavras, “uma pescaria de almas”.

O corpo doente, especialmente o corpo quebrado e dilacerado do não-cristão, era para este cirurgião jesuíta nada mais do que uma inscrição de gentilidade e de pecados. A cura derradeira era a conversão. Em princípio, se não mesmo na prática, esta opinião ia contra a concepção de Garcia de Orta de um corpo intrinsecamente permeável. Para Orta, a cura definitiva residia na adaptação das disposições de humor de cada um ao clima e ao contexto ecológico, com a ingestão de especiarias e comidas locais. Os sistemas de medicina galénico (europeu) e ayurvédico e *yunani* (locais – hindu e muçulmano, respectivamente) concordavam todos com esta visão.¹⁸ A comida e as especiarias não eram negligenciadas no Hospital dos Pobres, mas o conceito jesuíta de conversão dificilmente teria privilegiado o sistema digestivo como seu superconductor.

> Na fronteira missionária e médica

Na primeira parte do século XVI, as curas e os remédios locais eram largamente usados e adoptados pelos Portugueses sendo, em geral, considerados eficazes.

years old, had not been ordained a priest, and possessed only one talent, that of curing the sick. Compared to other Jesuit careers, Pedro Afonso advanced very little professionally within the Society of Jesus in India. One of the reasons, according to the unanimous judgement of his contemporaries, was his special talent and dexterity in setting broken bones, operating on abscesses, and stitching torn flesh. Allowing this renowned surgeon and pharmacist to become a priest would have put an end to his surgical practice. At the same time, in the second part of the sixteenth century there was a real lack of “good, Old Christian” surgeons and physicians in Goa.¹⁵ After 1560, with the advance of the Inquisitorial “clean-up”, New Christian doctors were increasingly feared and suspected of foul play or of planning revenge. Even though the medico-botanical compendium *Colóquios dos simples e das drogas he cousas medicinais da Índia*, published in 1563 in Goa by one of the most famous New Christian doctors and a (posthumous) victim of the Inquisition, Garcia de Orta, was still consulted in 1560s and 1570s, the New Christian doctors were avoided.¹⁶

Pedro Afonso remained temporal coadjutor and a physician until his death in 1578 at the age of forty-eight, without ever becoming a priest. It is possible that his superiors decided to “flunk” him in Latin in order to force him to put his other qualifications to good use. According to an enthusiastic letter he wrote in 1560, he had found

O mesmo se passava com os médicos locais, não-cristãos, de vários tipos, desde os instruídos *panditos* e *vaidyas* aos curandeiros, herbolários e feiticeiros das castas baixas. As parteiras locais, as *dais*, eram e continuaram a ser importantes para as mulheres.

Contudo, enquanto Garcia de Orta canonizava a medicina cultivada e preparada localmente, e aprovava muitas das práticas médicas existentes na Índia, na segunda metade do século XVI a administração portuguesa começou uma perseguição oficial dos médicos não-cristãos da cidade de Goa, ainda que se tenha revelado uma perseguição ineficaz e algo relutante. Numa ordem real publicada em 1563 a administração denunciava o uso de “cerimónias supersticiosas” como parte integrante da cura.¹⁹ Os quatro conselhos da igreja repetiam a interdição, mas por sua vez insistiam na confissão obrigatória dos pacientes antes que qualquer tipo de cura fosse implementado.²⁰ Todas estas proibições mostram claramente que existiam médicos não-cristãos em Goa e que continuavam a ser empregues pelos cristãos.

Por outro lado, é evidente das cartas dos jesuítas que os remédios dos naturais eram levados muito a sério. Há um caso relativamente famoso e ligeiramente divertido. Em 1561 Henrique Henriques pediu autorização para experimentar medicamentos locais usados pelos *jogues*, pois

his “mission” in administering cure and medicine. It is a typically propagandist jubilation of the new recruit in expectation of an abundance of marvellous and exciting missionary labours.¹⁷ He locates his growing sense of importance in a daily “white martyrdom” induced by bodily fatigue and the repetition of innumerable tasks. In addition, given that he was a lay member of the Society, the burden of managing financial transactions was also his responsibility. The letter provides the clearest statement of the goals of a Jesuit medical mission: the Hospital of the Poor Natives was, in his words, “a fishery of souls” (*pescaria das almas*).

Therefore, the ailing body – especially the non-Christian broken and torn body – was for this Jesuit surgeon nothing more nor less than an inscription of gentility and sins. The ultimate cure was conversion. In principle if not in practice, this view went against Garcia de Orta’s conception of the body as intrinsically permeable. The ultimate cure for Orta was to adapt one’s own humoral dispositions to the climate and the given ecological setting by ingesting local spices and foods. The European Galenic and the local *ayurvedic* and *yunani* systems of medicine all agreed on that.¹⁸ Food and spices were not neglected in the Hospital of the Poor Natives, but the Jesuit concept of conversion could hardly have privileged the digestive track as its superconductor.

Pau-da-China.
In Cristóvão da Costa, 1578 –
Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales con sus plantas debuxadas al vivo. Burgos: por Martin de Victoria, cap. X, pp. 78-79. Biblioteca Nacional, Lisboa (Res. 4055 P).
Pau da China
In Cristóvão da Costa 1578 – *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales con sus plantas debuxadas al vivo.* En Burgos por Martin de Victoria, cap. X pp. 78-79. Biblioteca Nacional, Lisboa (Res. 4055 P)

tinham a reputação de fortificar o corpo, sem mortificação, contra “o apetite vindo da sensualidade”.²¹ O Geral Laínez não tomou nenhuma decisão a respeito deste assunto e entregou-o nas mãos do Provincial da Índia.²² Com a eleição de Francisco de Borja para o cargo de Geral (1565-1572), e com o apertar do ambiente religioso pós-tridentino, a utilização de medicina pagã tornou-se inimaginável. O novo Geral ordenou duramente ao Provincial de Goa, António de Quadros, que deixasse “o remédio para a castidade” aos “*bonjes*”, obviamente confundindo os *jogues* indianos com os sacerdotes budistas japoneses.²³

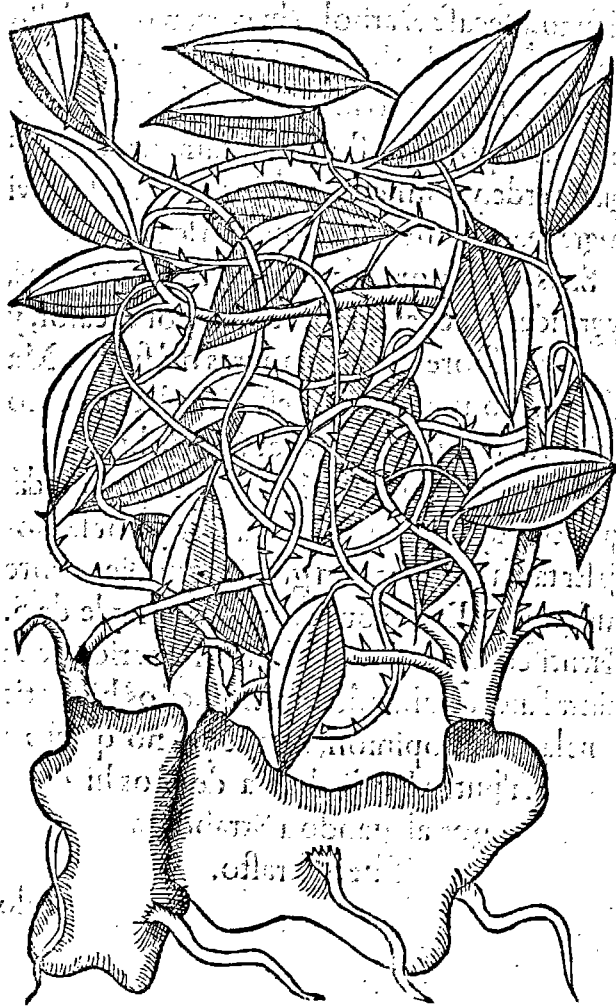
O que a injunção metropolitana proibia implicitamente era qualquer tipo de comensurabilidade entre um corpo jesuíta e o de um especialista religioso pagão.

O controlo dos impulsos sexuais de cada um (e Borja tinha apenas isso em mente) era o resultado de uma escolha, da vontade e da graça, pelo menos para os que desejavam pertencer à Companhia de Jesus. Normalmente, contudo, os grandes ideais e as mais elevadas ortodoxias caíam por terra ou tinham de ser reformuladas nas missões ultramarinas na Ásia. Uma das tendências gerais, de facto, era permitir muitas das antigas práticas “pagãs” assim que os seus praticantes se convertiam ao cristianismo. Roberto Nobili, um famoso missionário na missão de Madurai, definiria mais tarde estes costumes como “meramente” civis ou políticos.²⁴

Os especialistas médicos eram por isso bem-vindos ao regaço cristão, com uma mudança significativa. Tinham

78

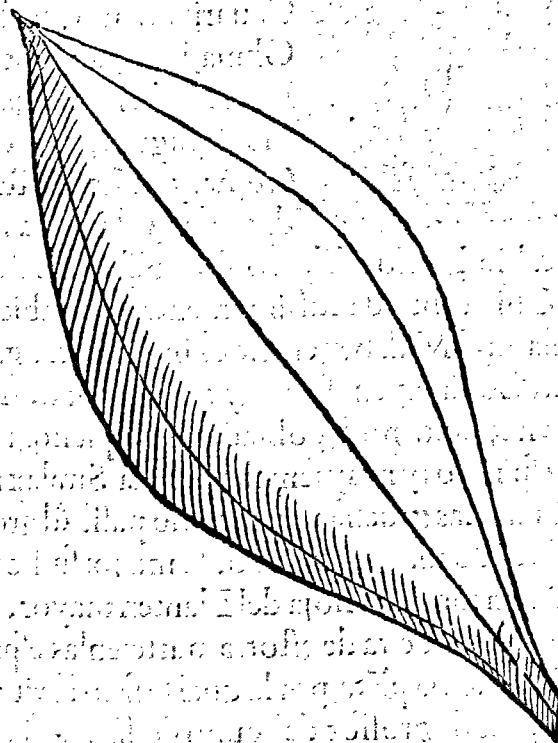
Palo de la China.



Hoja

79

Hoja del palo de la China.



Deentrambas a dos partes es de un verde hermoso. Del

de despir as suas técnicas curativas de todos os pronunciamentos “supersticiosos” (*mantras*) e rituais. A clara divisão entre as tarefas de um padre e as de um físico eram difíceis de destringir nas missões indianas. Além disso, muitos físicos convertidos rápida e voluntariamente adoptaram rituais cristãos, sacramentos e objectos sagrados nas suas técnicas taumatúrgicas. Recitavam preces sobre os corpos dos doentes, salpicavam-nos com água benta, punham relíquias nas suas feridas. De acordo com cartas jesuítas, alguns dos médicos pagãos admitiam que os objectos e orações cristãos continham uma força poderosa contra as doenças.²⁵

Pode ter sido o desejo de Afonso de uma missão, combinado com a expansão territorial jesuíta para a região de Salsete, que conduziu à decisão de transferência do Hospital dos Pobres para Margão em 1568.²⁶ Os serviços curativos tinham já estimulado o crescimento da comunidade cristã na cidade de Goa e área circundante. Os milagres médicos e as conversões propagaram-se como fogo em campo aberto por todas as ilhas vizinhas, algumas delas muito reputadas pelo seu estilo de vida e de adoração rigidamente brãmene. Questionar a fé nos especialistas rituais locais que ofereciam a sua experiência em todos os momentos de crise era a forma mais segura de facilitar a conversão.

On the Missionary and Medical Frontier

In the first part of the sixteenth century, indigenous cures and remedies were widely used and adopted by the Portuguese, and were generally considered efficient. So were local, non-Christian doctors of various types, from the learned *panditos* and *vaidyas* to low-caste *curandeiros*, *herbolários*, and downright witch-doctors. Local midwives (*dais*) were and continued to be important for women.

However, while Garcia de Orta canonised locally-grown and locally-prepared medication and approved many of the medical practices found in India, in the second half of the sixteenth century, the Portuguese administration began an official – if inefficient and half-hearted – persecution of non-Christian doctors in the city of Goa. What the administration denounced in a royal order published in 1563 was the use of “superstitious ceremonies” as an integral part of curing.¹⁹ All four Church Councils restated the interdiction, but in turn insisted on the mandatory confession of patients before any kind of cure was implemented.²⁰ All these prohibitions clearly show that non-Christian physicians were present in Goa and continued to be employed by the Christians.

On the other hand, it is evident from Jesuit letters that indigenous remedies were taken very seriously. There is one relatively famous and slightly amusing case. In 1561, Henrique Henriques asked for per-

Em 1568, quando Pedro Afonso assumiu os seus cargos à frente do Hospital dos Pobres junto à recentemente (1565) consagrada Igreja do Espírito Santo em Margão, fê-lo para sarar o trauma causado pela crescente destruição de templos em Salsete, que se iniciara em 1564. Francisco de Souza descrevia triunfalmente a forma como se decidia a localização de uma igreja que, quase como regra, era próximo ou no próprio lugar de um templo. A Igreja do Espírito Santo foi escolhida pelo primeiro arcebispo de Goa, Dom Gaspar Leão Pereira, que “veio



até à frente do templo e colocou a seta no chão e com ela trespassou o coração dos gentios”.²⁷ A reputação do Hospital cresceu e era em geral considerado um sucesso excepcional. Apesar das incursões e ameaça do exército de Bijapur em 1570-1571, e os renovados esforços políticos dos hindus até 1577 para inverter os efeitos da evangelização de Salsete, a conversão ao cristianismo aumentava cada vez mais e, em 1576, o número de cristãos andava perto dos oito mil.²⁸

> Mão ou espírito: o dilema médico jesuíta

Apesar das eulogias sobre a sua dedicação, não só o estatuto de Pedro Afonso se manteve baixo dentro da Companhia como a sua prática cirúrgica foi considerada um problema por Alessandro Valignano, que veio para a Índia em 1574. Como antigo estudante de direito, Valignano depressa pegou no problema jurídico da profissão de Pedro Afonso. Embora Afonso ainda não tivesse sido ordenado, era membro da Companhia de Jesus e, na opinião de Valignano, era na parte manual da profissão que residia o pomo da discórdia.²⁹ A intervenção directa nos corpos dos doentes devia, na sua opinião, ser deixada aos leigos e, no caso do Hospital em Salsete, aos “da terra”.³⁰ Um certo desprezo pelo Hos-

mission to try out local medicine used by the *jogues*, because it was reputed to fortify the body, without mortification, against the “appetite coming from sensuality”.²¹ The Jesuit General Laínez offered no decision concerning this matter and left it in the hands of the Jesuit Provincial in India.²² With the election of Francisco de Borja to the office of General (1565-1572), and with the tightening of the post-Tridentine religious environment, using pagan medicine became unimaginable. He stiffly ordered the Provincial in Goa, António de Quadros, to leave “the medicine for chastity” to the “*bonjes*”, obviously confounding *jogues* in India with the the Japanese Buddhist priests.²³

What the metropolitan injunction implicitly prohibited was any kind of commensurability between a Jesuit body and that of a pagan religious specialist. Controlling one's sexual impulses was (and Borja had in mind just that) the result of choice, will, and grace, at least for those who sought membership in the Society of Jesus. More often than not, however, lofty ideals and highbrow orthodoxy ran aground or had to be reformulated in the overseas missions in Asia. One of the general tendencies, in fact, was to allow many of the formerly “pagan” practices as soon as their practitioners had converted to Christianity. Roberto Nobili, a famous missionary in Maduria, would later define these as “merely” civil or political customs.²⁴

pital de Salsete para os convertidos indianos e pelo cirurgião jesuíta que não era sequer um padre podem ser detectados no rápido e inconclusivo tratamento que Valignano deu à questão. Mesmo que Pedro Afonso se tenha mantido calado acerca da sua opinião, outro físico, com um sentido exagerado do seu verdadeiro valor, como concordavam todos os seus contemporâneos, foi mais do que explícito acerca do pobre estatuto dos físicos jesuítas em Goa.

Giovanni Battista de Loffreda era um dos quarenta e um jesuítas que vieram para a Índia com Valignano em 1574.³¹ Na primeira avaliação que o Visitador fez de de Loffreda dizia que este “parecia um homem religioso muito bom”.³² Era um italiano de Nola, uma cidade pertencente à província jesuíta de Nápoles, onde estudara no colégio jesuíta e terminara o primeiro ano de teologia. Tecnicamente era um escolástico, embora já tivesse obtido um diploma de medicina antes de se juntar à Companhia. O único detalhe curioso na sua longa lista de características era ser descrito como gozando “de perfeita saúde”.³³ Quando Valignano, acompanhado dos seus recrutas, chegou a Goa em Novembro de 1574 e recuperou as forças para escrever o seu primeiro relatório extenso acerca do estado da província indiana, de Loffreda já tinha caído em desgraça junto do Visitador.

Medical specialists were therefore welcome in the Christian fold, with one significant change. They had to strip their healing techniques of all “superstitious” pronouncements (*mantras*) and rituals. A clear-cut division between the tasks of a priest and the tasks of a physician was difficult to disentangle in the Indian missions. Moreover, many converted physicians readily and willingly adopted Christian rituals, sacraments, and sacred objects in their thaumaturgic techniques. They recited prayers over the bodies of the sick, sprinkled them with holy water, pressed relics on their wounds. According to Jesuit letters, some of the pagan doctors admitted that Christian objects and prayers contained a powerful force against illnesses.²⁵

It may have been Afonso's desire for mission, combined with the Jesuit territorial expansion into the region of Salsete, that led to the decision to transfer the Hospital of the Poor Natives to Margão in 1568.²⁶ Healing services had already stimulated the growth of the Christian community in the city of Goa and the surrounding area. Medical miracles and conversions spread like wildfire throughout the neighbouring islands, some of them famed for their staunch Brahmanic way of life and worship. Undermining faith in local ritual specialists who provided their expertise at every moment when life was at risk was the surest way of facilitating conversion.

Bangue.
In Cristóvão da Costa, 1578 – *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales con sus plantas debuxadas al vivo*. Burgos: por Martin de Victoria, cap. LXI, p. 359.
Biblioteca Nacional, Lisboa (Res. 4055 P).
Bangue.
In Cristóvão da Costa, 1578 – *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales con sus plantas debuxadas al vivo*. En Burgos: por Martin de Victoria, cap. LXI, p. 353.
Biblioteca Nacional, Lisboa (Res. 4055 P).

“Mandaram-me um irmão de Nápoles que é quase totalmente surdo e um noviço com tão pouca habilidade”, queixava-se na sua carta.³⁴

Contudo, um ano mais tarde encontramos de Loffreda inscrito como aluno de teologia no Colégio de S. Paulo em Goa. Foi-lhe dada outra oportunidade simplesmente porque acabara por provar ser um físico talentoso. O Catálogo de 1575 considerava-o de “perfeita saúde”, de “bom” julgamento e temperamento, e de “bom, medíocre” talento.³⁵ Mas no início de Janeiro de 1577 os primeiros sinais de problemas futuros apareceram na carta de Valignano ao Geral Mercurian, em que pedia encarecidamente dispensa papal para que de Loffreda pudesse exercer a sua profissão entre os jesuítas e alguns “estrangeiros” eleitos.³⁶ Este pedido era feito porque de Loffreda ia ser ordenado após terminar o terceiro ano de teologia, e era de longe o melhor físico de todos da Índia. E, finalmente, de acordo com Valignano, o napolitano era completamente surdo e não havia muito mais de útil que ele pudesse fazer na Índia.

De Loffreda, por seu lado, tinha outros planos para a sua carreira jesuíta. Para grande tristeza sua, uns meses mais tarde chegou uma dispensa geral emitida por Gregório XIII, não especificamente para de Loffreda mas para todos os físicos jesuítas.³⁷

In 1568, when Pedro Afonso took up his duties in the Hospital of the Poor Natives next to the recently (1565) consecrated Church of the Holy Spirit in Margão, it was to heal the trauma inflicted by the spree of temple destruction in Salsete, which started in 1564. Francisco de Souza triumphantly described the way the church's site had been chosen, almost as a rule, near to or in place of a temple. The Church of the Holy Spirit was chosen by the first archbishop of Goa, Dom Gaspar Leão Pereira, who “came in front of the temple and planted the arrow on the ground and with it transpierced the hearts of the gentiles”.²⁷ The reputation of the hospital grew and it was generally considered an exceptional success. In spite of raids and the menace of the Bijapur army in 1570-1571, and the Hindus' renewed political efforts until 1577 to reverse the effects of the evangelisation of Salsete, conversion to Christianity was gaining momentum and, by 1575, the number of Christians was close to eight thousand.²⁸

Hand or Spirit; the Jesuit Medical Dilemma

In spite of the eulogies to his dedication, not only did Pedro Afonso's status remain low within the Society, but his surgical practice was also raised as a problem by Alessandro Valignano, who came to India in 1574. As a former law student, Valignano was quick to pick on the

> Desejos missionários insubmissos

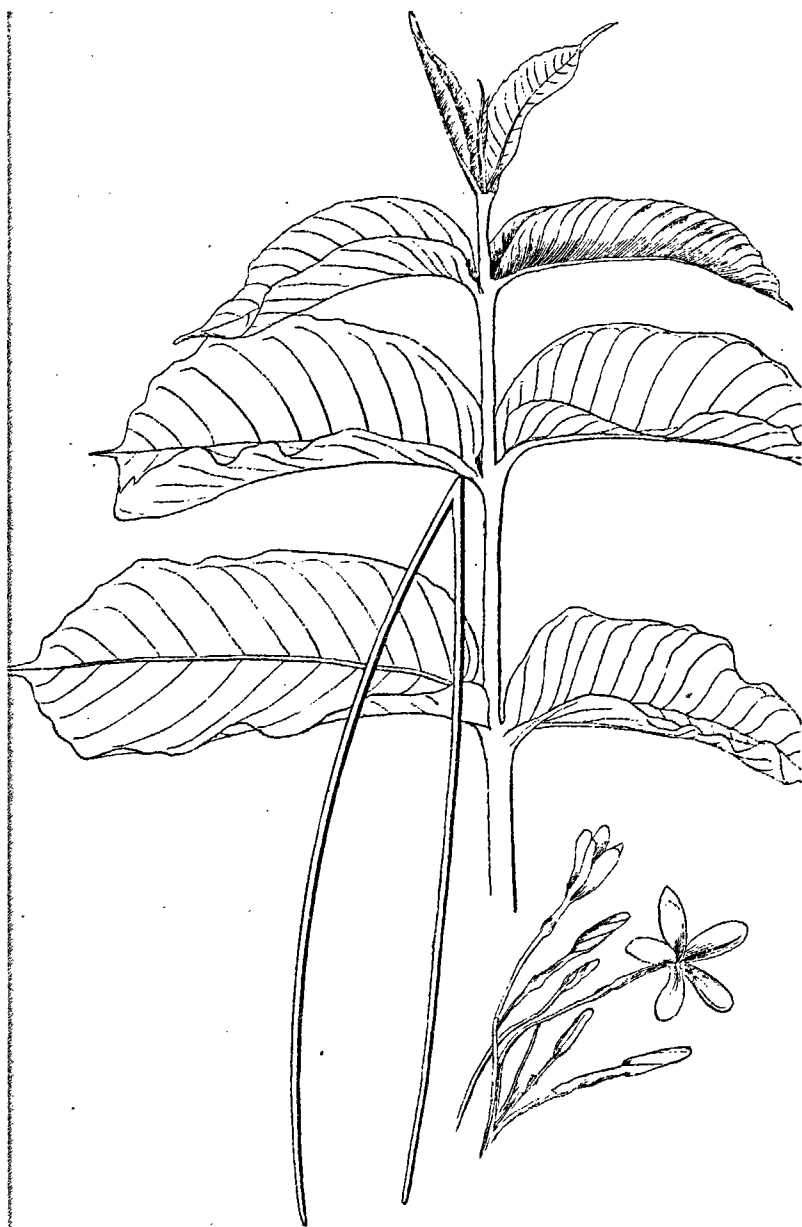
O entusiasmo missionário de de Loffreda em breve se tornou no pesadelo dos seus superiores. O que realmente desejava era um papel mais heróico e a ocasião apareceu em Setembro de 1579, quando uma embaixada do imperador mogol Akbar (1556-1605) chegou a Goa convidando para a sua corte em Fatehpur Skri “dois padres ilustrados”.³⁸ Dois meses mais tarde, Rodolfo Acquaviva, Antonio Monserrate e um intérprete persa convertido, Francisco Henriques, foram escolhidos. Esta seria a primeira das três missões jesuítas enviadas a Akbar.³⁹

O desapontamento de de Loffreda foi ainda agravado quando o Provincial se recusou a ordená-lo com base no facto de ele ser incapaz de “ouvir a Missa”.⁴⁰ A sua reacção foi violenta e furiosa. Todas as opiniões expressas sobre de Loffreda pelos outros jesuítas em Goa defendiam que não estava bom da cabeça ou que sofria de delírios.⁴¹ Apesar de todas as duras palavras gritadas directamente contra ele, o arcebispo de Goa, um dominicano, Dom frei Henrique de Távora e Brito, acolheu-o e conseguiu que fosse ordenado.⁴² E assim Ruy Vicente escreveu ao Geral suspirando de alívio em Janeiro de 1581 que “ele estava a ser consolado”.⁴³ Bom,

judicial problem entailed in Pero Afonso's profession. Although Pedro Afonso had not been ordained, he was a member of the Society of Jesus and, in Valignano's opinion, it was the manual part of the profession that was the bone of contention.²⁹ Direct intervention on the bodies of the diseased, in his view, should be left to lay persons and, in the case of the hospital in Salsete, to the natives.³⁰ A certain disregard for the hospital in Salsete, for the Indian converts, and for the Jesuit surgeon who was not even a priest can be detected in Valignano's swift and inconclusive treatment of this issue. If Pedro Afonso remained silent about his opinion, another doctor with an exaggerated sense of his own worth – as his contemporaries all agreed – was more than vocal about the underdog status of the Jesuit medical practitioners in Goa.

Giovanni Battista de Loffreda was one of the forty-one Jesuits who came to India with Valignano in 1574.³¹ The Visitor's first evaluation of Loffreda was that he “looks like a very good religious man”.³² He was an Italian from Nola, a town belonging to the Jesuit province of Naples, where he studied at the Jesuit college and finished the first year of theology. Technically he was a scholastic, although he had already earned a medical degree before joining the Society. The only curious detail on the list of his characteristics is that he was described as being “in perfect health”.³³ By the time Valignano, accompanied by his recruits, reached Goa in November 1574, recovered his strength

Holarrhena
antidysenterica.
Kudo
A erva do Malabar
ou cudo, contra
a disenteria.
In Daniel Gilânio
Dalgado, 1894 –
Classificação
Botânica das
Plantas e Drogas,
descriptas nos
“Coloquios da
India” de Garcia
d’Orta.
Bombaim: Nicol’s
printing works,
fig. 2.
Biblioteca
Nacional, Lisboa
(S.A. 11 333P).
Holarrhena
antidysenterica
Conessa Malabar
grass or conessa,
to combat dysentery
In Daniel Gilânio
Dalgado, 1894 –
Classificação
Botânica
das Plantas e Drogas,
descriptas nos
“Coloquios da India”
de Garcia d’Orta.
Bombay Nicol’s
printing works, fig. 2
Biblioteca Nacional,
Lisbon (S.A. 11 333P)



and wrote his first extensive report on the state of the Indian province, Loffreda had already fallen foul of the Visitor. "They have sent to me a Brother from Naples who is almost completely deaf and a novice with so little ability", he complained in his letter.³⁴

However, a year later we find Loffreda enrolled as a theology student in St. Paul's College in Goa. He was given another chance for the simple reason that he proved to be a talented doctor after all. The Catalogue of 1575 found him in "perfect health", of "good" judgement and temperament, and of "good, mediocre" talent.³⁵ But in the early days of January 1577, the first signs of the trouble to come appeared in Valignano's letter to the General Mercurian, in which he wholeheartedly requested papal dispensation so that Loffreda would be able to exercise his profession among the Jesuits and some chosen "outsiders".³⁶ The reasons for this request were that Loffreda was to be ordained after finishing the third year of theology, and that he was by far the best doctor among all those in India. And final-

talvez. Mas não estava com muita vontade de regressar à sua profissão "secular".

O enredo da história complicou-se e resolveu-se no final de 1581. Com pequenas variações de opinião e por menor literário, as cartas jesuítas apresentam vividamente os últimos actos de de Loffreda como jesuíta. Alberto Laerzio, um jovem e ambicioso italiano que veio para a Índia em 1579, e que iria desenvolver uma longa e rica carreira como missionário jesuíta, escreveu um relato detalhado. Era um excesso de desejo de "converter o mundo", escreveu, combinado com a ausência de são julgamento que o tornara impaciente e difícil.⁴⁴ Assim que de Loffreda se tornou padre a sua auto-estima cresceu e repetia a toda a gente que era uma das pessoas mais bem qualificadas no Colégio, "um médico, um teólogo, etc", e insistia em receber tratamento especial e privilégios. Assim, quando não se mostrava satisfeito com a comida, que comia avidamente e em grandes quantidades, "atirava com a carne, os pratos e tudo o que estava sobre a mesa para o chão". Finalmente, perante os Irmãos, Padres e noviços, gritou durante a hora de recreio que "os superiores queriam matá-lo e que esta nossa Companhia não é a Companhia de Jesus mas uma tirania, e outras coisas do mesmo género". A razão pela qual os jesuítas de Goa toleraram todos os seus caprichos

ly, according to Valignano, the Neapolitan was completely deaf and there was not much else that he could usefully do in India.

Loffreda, on the other hand, had other plans for his Jesuit career. To his dismay, a few months later, a general dispensation from Gregory XIII arrived, not specifically for Loffreda, but for all Jesuit doctors.³⁷

Unruly Missionary Desires

Loffreda's missionary enthusiasm soon became his superiors' nightmare. What he really wanted was a more heroic role in life, and the occasion presented itself in September 1579, when an embassy from the Mughal Emperor Akbar (1556-1605) arrived in Goa, inviting "two learned priests" to his court in Fatehpur Sikri.³⁸ Two months later, Rodolfo Acquaviva, Antonio Monserrate, a Persian interpreter and a convert, Francisco Henriques, were chosen. This would be the first of the three Jesuit missions sent to Akbar.³⁹

Loffreda's disappointment was aggravated even more when the Provincial refused to ordain him on the grounds that he was unable to "hear the Mass".⁴⁰ His reaction was loud and furious. All of the opinions expressed on behalf of Loffreda by other Jesuits in Goa were that he was not in his right mind or that he was suffering from delusions.⁴¹ In spite of all the harsh words spelled out loudly and directly against him, the Archbishop of Goa, a Dominican, Dom Frei Henrique de Távo-

por tanto tempo, concluiu Laerzio, era que havia muito poucos físicos em Goa, e quase nenhum era bom.

> **A resolução médica jesuíta: médicos da alma ou enfermeiros do corpo?**

A carta de Francisco Pasio esclareceu outros pormenores interessantes.⁴⁵ Era um *médico das almas* que Giovanni Battista de Loffreda queria ser, e não simplesmente um *físico*. Os jesuítas de Goa concordaram que era impossível para de Loffreda tornar-se *médico das almas*, simplesmente porque não tinha qualificações para isso. A técnica de cura específica dos jesuítas era a Palavra, pronunciada em todo o lado, mas em especial sob a forma de sermão. A palavra podia ser pronunciada em qualquer língua e de qualquer forma, em “meio português e meio preto”, como Xavier pregava em Goa, ou no seu insuportavelmente mal pronunciado tâmil que usava na Costa da Pescaria. Um missionário jesuíta surdo não tinha obviamente a capacidade para aprender mesmo incorrectamente uma língua. Pior que tudo, de Loffreda não tinha a capacidade de escutar, tanto no sentido literal como no metafórico.

Uma lição que se tira do caso de de Loffreda é que físicos altamente educados, e não simples cirurgiões, tin-

ra e Brito took him under his wing and successfully pushed through his demand for priesthood.⁴² And so Ruy Vicente wrote to the General with a sigh of relief in January 1581, “he is being consoled”.⁴³ Well, perhaps. But he was not eager to go back to his “secular” profession.

The plot thickened and came to its denouement at the end of 1581. With slight variations in opinion and literary details, Jesuit letters vividly present Loffreda’s last acts as a Jesuit. Alberto Laerzio, a young and ambitious Italian who came to India in 1579 and was to have a long and rich career as a Jesuit missionary, wrote a detailed account. It was an excess of desire “to convert the world”, he wrote, combined with lack of sane judgement that made him restless and difficult.⁴⁴ Once Loffreda became a priest, his self-esteem grew and he repeated to everybody that he was one of the best-qualified people in the College, “a physician, a theologian, etc.”, and insisted on having special treatment and privileges. Thus, if not happy with the food, which he ate avidly and in large quantities, he would “throw on the floor the meat, the plates and everything that was on the table”. Finally, before the brothers, fathers and the novices, he shouted during the recreation hour that “the superiors wanted to kill him and that this Society of ours is not the Society of Jesus but of tyranny, and similar things in this manner.” The reason the Jesuits in Goa tolerated all his whims for so long, concluded Laerzio, was

ham dificuldade em ser integrados na estrutura hierárquica da Companhia. Em poucas palavras, o caso de de Loffreda terá feito os jesuítas equacionar a utilidade do envio para as missões indianas de físicos reputados cuja promoção na Companhia podia ser penalizada precisamente devido à sua eficiência. A lição deve ter sido bem aprendida e, depois desse momento, a maior parte dos catálogos das províncias de Goa e, mais tarde, do Malabar, encheram-se de praticantes de medicina de formação elementar, incluindo farmacêuticos – ou seja, daqueles que ficavam satisfeitos com o estatuto de coadjutores temporais.

Ao mesmo tempo que se desenrolava o caso de Loffreda, tanto nos corredores jesuítas privados como entre os “seculares” ganhava forma um novo tipo de programa e envolvimento médico jesuíta. Podemos chamar-lhe “administração médica” e os jesuítas, com uma competência rica e bem estabelecida na elaboração de regulamentos e constituições, provaram ser inultrapassáveis.

> **Epílogo: o mundo inteiro é um hospital**

Mais do que viver segundo as regras, os jesuítas distinguiram-se por as criarem. Em Goa, os jesuítas desempenharam um excelente trabalho no Hospital Real,

that there were very few physicians in Goa, and almost none was good.

The Jesuit Medical Resolution: Physicians of the Soul or Physicians of the Body?

Francisco Pasio’s letter threw light on other interesting details.⁴⁵ It was a physician of the souls, *médico das almas*, that Giovanni Battista de Loffreda wanted to be, and not just a simple *físico*. The Jesuits in Goa agreed that it was impossible for Loffreda to become a *médico das almas*, because he simply did not qualify. The specific healing technique of the Jesuits was the Word, pronounced anywhere, but mostly in the form of a sermon. The Word could be pronounced in any language and in any way, in “half Portuguese and half black”, as Xavier preached in Goa, or in his unbearably wrongly pronounced Tamil that he used on the Fishery Coast. A deaf Jesuit missionary obviously did not have the capacity to learn even such incorrect language. Worst of all, Loffreda lacked the capacity to listen, in both the literal and the metaphorical sense.

It may be that one of the lessons learned from Loffreda’s case was also that highly educated physicians, not simple surgeons, were difficult to integrate into the Society’s hierarchical structure. Briefly, Loffreda gave the Jesuit superiors food for thought as to the utility

mantendo a higiene temporal e espiritual e a ordem numa instituição cujos fundos tinham sido esbanjados, segundo corriam rumores, por toda a gente, desde o funcionário mais elevado, passando pelo mordomo e acabando no homem da limpeza. Quando o Vice-Rei ordenou à Companhia de Jesus que tomasse a seu cargo esta instituição em 1578, a responsabilidade assim acrescida impôs uma grande pressão sobre os jesuítas.⁴⁶ O Provincial Ruy Vicente percebia que esta responsabilidade “não era conveniente” para a Companhia mas, dizia, era difícil desobedecer ao Vice-Rei.⁴⁷

No entanto, o que parecia ser um serviço temporário durou, intermitentemente, século e meio. O Hospital Real transformou-se na “missão médica” mais importante em Goa. Alimentado pelo sofrimento e pela morte, cresceu em tamanho, importância e reputação através de uma série de regimentos, o mais completo dos quais foi composto pelos jesuítas em 1583. A razão pela qual os jesuítas escreveram um regimento tão detalhado prende-se com a sua decisão de largar o Hospital em favor da Misericórdia. Em 1591 foram praticamente forçados a assumir novamente a administração. O Regimento de 1583 foi responsável pela estruturação e codificação da organização interna do hospital de maneira a promover a eficiência, a segurança e a confiança; ou

of sending to the Indian missions reputed physicians whose promotion within the Society might be hindered precisely because of their efficacy. The lesson must have been well taken and, ever since that time, mostly lower-rank medical practitioners, including pharmacists – that is, those who were content with the status of temporal coadjutors – figured in the catalogues of the Goan and later Malabar provinces.

Just as the Loffreda affair was being played out, both in Jesuit private *couloirs* and outside among the “seculars”, a new type of Jesuit medical programme and engagement was taking shape. It can be called “medical administration”, and the Jesuits, with a rich and established competency in devising regulations and constitutions, proved to be unsurpassable at it.

Epilogue: The Whole World is a Hospital

More than living by the rules, the Jesuits excelled in creating them. In Goa, the Jesuits did excellent work in the Royal Hospital, basically keeping temporal and spiritual hygiene and order in this institution, whose funds had been squandered and pilfered, according to rumours, by everyone from the highest official in charge of it, the *mordomo*, to the washer-man. When the viceroy ordered the Society of Jesus to take full charge of this institution in 1578, this additional

seja, o hospital passou a ser uma fortaleza de mística médica independente, um espaço extraterritorial com uma jurisdição quase *sui generis*. Ou pelo menos esse foi o ponto de vista jesuíta. Assim, a arte de curar tornou-se na arte de gerir os pacientes. Dois princípios básicos estavam subjacentes às condições sociais da cura, de acordo com o Regimento: 1) a suave repetição de gestos médicos e paramédicos inscritos no tempo (todas as manhãs, todos os dias, todas as semanas, todos os anos) e; 2) uma divisão estrita de tarefas e cargos entre o pessoal hospitalar. Visto que a saúde estava associada à ordem, a doença era desordem. Dessa forma, e paradoxalmente, o hospital parece ser o único sítio saudável, ou um local de reforma e, literalmente, de expurgação de fluídos pecaminosos.

Tendo como premissa o “facto” de Deus ser a causa principal de doença e da penitência ser um remédio primário, opinião partilhada por cristãos de todas as denominações, a concepção optimista jesuíta de providência divina permitia o uso aberto de remédios secundários fornecidos pelos físicos, cirurgiões e farmacêuticos.⁴⁸ Mas a mais bem sucedida era a “cura das almas”, que conseguiam através da confissão e dos sacramentos, diligentemente distribuídos aos doentes. O único meio para fugir à doença e, em último caso, à morte, era a conversão à

responsibility put a lot of strain on the Jesuit personnel.⁴⁶ The Provincial Ruy Vicente was aware that this charge was “not convenient” for the Society, but, he argued, it was difficult to disobey the viceroy.⁴⁷

However, what looked like a temporary service lasted intermittently for a century and half. The Royal Hospital became the most important “medical mission” in Goa. Nourished by suffering and death, it grew in size, importance and reputation through a series of *Regimentos* (regulations), the most comprehensive of which were composed by the Jesuits in 1583. The reason the Jesuits wrote such a detailed *Regimento* was their decision to relinquish the hospital in favour of the Misericórdia. By 1591, they were practically forced to take charge of the administration again. The *Regimento* of 1584 was responsible for structuring and encoding the internal organisation of the hospital to promote efficiency, security and trust; that is, the hospital became an independent fortress of medical mystique, an extraterritorial space with almost a *sui generis* jurisdiction. Or at least that was the Jesuit point of view. Thus, the art of curing became the art of managing the patients. Two basic principles underscored the social conditions of healing, according to the *Regimento*: 1) smooth repetitiveness of medical or paramedical gestures inscribed in time (every morning, every day, every week, every year) and; 2) a strict division of tasks and offices among the hospital personnel. Since health

vida eterna, para a qual a Igreja Católica elaborara uma taumaturgia milenária e oficial: água benta, santuários, relíquias, peregrinações, ofertas de *ex voto*, procissões, preces propiciadoras, invocação de santos, etc. A toda esta tecnologia pré-moderna da saúde, os jesuítas tinham acrescentado uma linguagem de dor e compaixão psicologicamente matizada e, até certo ponto, eroticizada e estetizada. Sempre atentos aos perigos do supérfluo, as energias curativas criadas por esta linguagem dirigidas ao outro (nas palavras de de Certeau) tinham de ser apri-sionadas em espaços (na aparência) facilmente controla-dos; no confessional, no hospital, no teatro, nos frescos das igrejas, etc. A gota de água, como é óbvio, che-gou pouco tempo depois. Em meados do século XVII, António Vieira, que como muitos bons oradores jesuítas se distinguiu pelo uso das sinédoques, pregava ao seu rebanho no Brasil que o hospital era, de facto, o mundo inteiro.⁴⁹ A esta luz, o Regimento do Hospital Real de Goa adquiria, a um mesmo tempo, uma aura utópica e anti-utópica. Era um projecto de vigilância, controlo e sub-missão totais, disfarçado de um projecto de cura total.

* Centre National de la Recherche Scientifique, Paris.

¹ O'MALLEY, 1993, p. 172.

² VAUCHEZ, 1994 (re-edição da PUF, 1975).

³ SÁ, 1997.

⁴ O'MALLEY, 1984.

was associated with order, illness was disorder. Hence, and para-doxically, the hospital appears to be the only healthy place, or a place of reformation and, literally, the expurgation of sinful fluids.

Premised on the "fact" that God was the primary cause of illness and that penitence was a primary remedy, a view shared by Christians of all denominations, the Jesuits' optimistic conception of divine providence allowed for the full use of secondary remedies provided by physicians, surgeons and pharmacists.⁴⁸ But, most successful was their "cure of the souls" through confession and the sacraments, dili-gently distributed to the diseased. The only way of breaking away from disease and ultimately from death was conversion to eternal life, for which the Roman Catholic Church had devised a millenarian, official thaumaturgy: holy water, sanctuaries, relics, pilgrimages, *ex voto* offer-ings, processions, propitiatory prayers, invocation of the saints, etc. To all this pre-modern health technology, the Jesuits had added a psy-chologically nuanced and, to a degree, eroticised and aestheticised language of pain and compassion. Always aware of the danger of the superfluous, the healing energies created by this language directed toward the other (in de Certeau's words) had to be locked up in (seemingly) easily controlled spaces: the confession box, the hospi-tal, the theatre, or painted on the walls of the churches, etc. The spillover, of course, was just a matter of time. In the middle of the

⁵ GRACIAS, 1939.

⁶ THOMAZ, 1994.

⁷ CARDIM, 1999.

⁸ Gaspar Barzeus para Inácio de Loyola, 12 de Janeiro de 1553. Archivum Roma-num Societatis Iesu, Roma (a partir daqui, ARSI), Goa, 10, f. 267 v.

⁹ Sebastião Gonçalves aos irmãos da Sociedade em Portugal, Goa, 10 de Setem-bro de 1562, ARSI, Goa, 11 I, ff. 85 r-88 v.

¹⁰ *Determinação e asepto pera a ordem da casa*, escrito em Goa, 27 de Junho de 1546, por Nicolao Lancilotto, ARSI, Goa, 22 I, f. 48 v.

¹¹ FIGUEIREDO, 1968.

¹² Irmão Manuel Pereira a um irmão no Colégio de Évora, Goa, 3 de Dezem-bro de 1553. Biblioteca Nacional, Lisboa (daqui em diante BNL), *Fundo Geral*, n. 4534, ff. 338 r-338 v.

¹³ Hoje a Igreja de São Francisco Xavier.

¹⁴ *Cathálogo delos Padres y Hermanos de la Compañía desta Provincia de la India Oriental*, escrito em Outubro de 1575. ARSI, Goa, 25 I, f. 88 v.

¹⁵ Em 1586, Valignano informou Aquaviva de que a maioria dos médicos de Goa eram "cristianos nuevos", ignorantes da sua arte e inspirando confiança. *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. XIV, pp. 294-295.

¹⁶ ORTA, 1963 [1563]. Uso a edição anotada pelo Conde de Ficalho, publicada em 1891-1892 e reimpressa em 1987. As datas entre parêntesis rectos mos-tram a data original de publicação (*Nota da editora*).

¹⁷ Pedro Afonso aos membros europeus, Goa, 1 de Dezembro de 1560 in *Docu-menta Indica*, 1948-1988, vol. IV, pp. 745-751.

¹⁸ ZUPANOV, 2002.

¹⁹ Ver carta do Vice-Rei Dom Francisco Coutinho, Conde do Redondo, 27 de Novembro de 1563. *Archivo Portugues Oriental*, 1992 [1857-1876], Fasc. V/2, pp. 543-545.

²⁰ *Archivo Portugues Oriental*, 1992 [1857-1876], Fasc. IV, p. 132.

²¹ Henrique Henriques a Diogo Láinez, Manar, 19 de Dezembro de 1561, ARSI, Goa 8 II, f. 296 r. Garcia de Orta fornece uma lista de plantas com qualida-des afrodisíacas. ORTA, 1987 [1563], vol. I, p. 105.

²² Diogo Láinez para Henrique Henriques, Trento, 12 de Dezembro de 1562 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. V, p. 661.

²³ Francisco Borja para António de Quadros, Roma, 29 de Novembro de 1565 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. VI, p. 526.

²⁴ ZUPANOV, 1996.

²⁵ Duarte Leitão aos membros da Província portuguesa, Goa, 16 de Novembro de 1570, BNL, *Fundo Geral*, n. 4532, ff. 82 v-83 r.

²⁶ Gonçalo Álvares para Francisco Borja, Goa, Dezembro de 1568, ARSI, Goa 11 II, ff. 508 r-508 v e Sebastião Fernandes para Francisco Borja, Goa, Novem-bro de 1569, ARSI, Goa 31, f. 225 r.

²⁷ SOUZA, 1978 [1710], I, I, 7.

²⁸ Gomes Vaz para o Geral, Goa, 15 de Novembro de 1575 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. X, p. 88.

seventeenth century, António Vieira, who like many good Jesuit ora-tors excelled in using synecdoche, preached to his flock in Brazil that the hospital was, in fact, the whole world.⁴⁹ In this light, the *Regimento* of the Royal Hospital in Goa acquired both a utopian and an anti-utopian halo. It was a project of total surveillance, control, and sub-mission, disguised as a project of total healing.

* Centre National de la Recherche Scientifique, Paris.

¹ O'MALLEY, 1993, p. 172.

² VAUCHEZ, 1994 (re-edition from PUF, 1975).

³ SÁ, 1997.

⁴ O'MALLEY, 1984.

⁵ GRACIAS, 1939.

⁶ THOMAZ, 1994.

⁷ CARDIM, 1999.

⁸ Gaspar Barzeus to Ignatius of Loyola, 12 January 1553, Archivum Romanum Societatis Iesu, Rome (henceforth, ARSI), Goa, 10, f. 267 v.

⁹ Sebastião Gonçalves to the brothers of the Society in Portugal, Goa, 10 September 1562, ARSI, Goa, 11 I, ff. 85 r-88 v.

¹⁰ *Determinação e asepto pera a ordem da casa*, written in Goa, 27 June 1546, by Nicolao Lan-cilotto, ARSI, Goa, 22 I, f. 48 v.

¹¹ FIGUEIREDO, 1968.

¹² Brother Manuel Pereira to a brother in the Évora College. Goa, 3 December 1553, Biblioteca Nacional, Lisboa (henceforth BNL), *Fundo Geral*, n. 4534, ff. 338 r-338 v.

¹³ Today the Church of S. Xavier.

¹⁴ *Cathálogo de los Padres y Hermanos de la Compañía desta Provincia de la India Oriental*, writ-ten in October 1575, ARSI, Goa, 25 I, f. 88 v.

- ²⁹ Alessandro Valignano para o Geral, Goa, 25 de Dezembro de 1574 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. IX, p. 512.
- ³⁰ Alessandro Valignano para o Geral, Chorão, 3 de Novembro de 1576 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. X, p. 605.
- ³¹ *Catálogo dos Padres e Irmãos da Companhia de Jesu que forão mandados há India Oriental*, Anno 1574, ARSI, Goa, 24, f. 73 v.
- ³² Alessandro Valignano ao Geral, Lisboa, 8 de Março de 1574 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. X, p. 214.
- ³³ *Catálogo dos Padres e Irmãos da Companhia de Jesu que forão mandados há India Oriental*, Anno 1574, ARSI, Goa, 24, f. 73 v.
- ³⁴ Alessandro Valignano ao Geral, Goa, 25 de Dezembro de 1574 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. IX, p. 523. Em Portugal, o aparente desequilíbrio psicológico de António Velês, um outro jesuíta enviado para Goa, fora tratado como uma especial devoção mística. Regressou e acabou por ser dispensado.
- ³⁵ *Communium informationum catalogus Patrum ac Fratrum Societatis Iesu de Orientalis Indiae Provincia, mense Octobri anni 1575, ordinatus Goae a patre Provinciali et caet.*, ARSI, Goa, 24 I, 87 r.
- ³⁶ Alessandro Valignano ao Geral, Baçaim, 3 de Janeiro de 1577, ARSI, Goa, 12 II, f. 416 r.
- ³⁷ Alessandro Valignano ao Geral, Goa, 16 de Setembro de 1577 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. X, p. 899.
- ³⁸ MACLAGAN, 1972, p. 24.
- ³⁹ SUBRAHMANYAM, 1996.
- ⁴⁰ Ruy Vicente ao Geral, Goa, 13 de Novembro de 1579, ARSI, Goa, 12 II, f. 497 v.
- ⁴¹ Pasio a Aquaviva, Goa, 5 de Novembro de 1581, ARSI, Goa, 47, ff. 199 r-200 v, e Ruy Vicente ao Geral, 17 de Novembro de 1579, ARSI, Goa, 12 II, f. 507 r.
- ⁴² Dom frei Henrique de Távora e Brito (1578-1581) foi envenenado em Chaul. GONÇALVES, 1957-1962, vol. II, p. 437. O manuscrito original data de 1614.
- ⁴³ Ruy Vicente ao Geral, Goa, 3 de Janeiro de 1581, ARSI, Goa, 13, ff. 53 v.
- ⁴⁴ Laerzio a Aquaviva, Goa, 3 de Novembro de 1581, ARSI, Goa, 47, ff. 156 r-157 v.
- ⁴⁵ Pasio a Aquaviva, Goa, 5 de Novembro de 1581, ARSI, Goa, 47, ff. 199 r-200 v.
- ⁴⁶ Gomes Vaz a Mercurian, Goa, 20 de Outubro de 1578, ARSI, Goa, 31, ff. 404 v-405 r.
- ⁴⁷ Ruy Vicente ao Geral, Goa, 13 de Novembro de 1579, ARSI, Goa, 12 II, f. 503 v.
- ⁴⁸ MARTIN, 1996, p. 200.
- ⁴⁹ SILVA, 2000, p. 67.
- Archivo Portugues Oriental*, 1992 [1857-1876]. New Delhi: Asian Educational Services, 10 vols (ed. J. H. da Cunha Rivara).
- CARDIM, Pedro, 1999 – Amor e Amizade na Cultura Política dos Séculos XVI e XVII. *Lusitania Sacra*. Lisboa. 2 s. II, pp. 21-57.
- Documenta Indica*, 1948-1988. Romae: Apud "Monumenta Historica Societatis Iesu", 18 vols (ed. Joseph Wicki).
- ¹⁵ In 1586, Valignano informed Aquaviva that the majority of physicians in Goa were "cristianos nuevos", ignorant of their art and inspiring confidence. *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. XIV, pp. 294-295.
- ¹⁶ ORTA, 1963 [1563]. I have used the annotated edition by the Count of Ficalho, published in 1891-1892 and reprinted in 1987. Editor's note: the dates in square brackets show the original date of publication.
- ¹⁷ Pedro Afonso to the European members, Goa, 1 December 1560 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. IV, pp. 745-751.
- ¹⁸ ŽUPANOV, 2002.
- ¹⁹ See the letter by Viceroy Dom Francisco Coutinho, Count of Redondo, 27 November 1563, *Archivo Portugues Oriental*, 1992 [1857-1876], Fasc. V/2, pp. 543-545.
- ²⁰ *Archivo Portugues Oriental*, 1992 [1857-1876], Fasc. IV, p. 132.
- ²¹ Henrique Henriques to Diogo Laínez, Mannar, 19 December 1561, ARSI, Goa 8 II, f. 294 r. Garcia de Orta provides a list of plants with aphrodisiac qualities. ORTA, 1987 [1563], vol. 1, p. 105.
- ²² Diogo Laínez to Henrique Henriques, Trent, 12 December 1562 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. V, p. 661.
- ²³ Francisco Borja to António de Quadros, Rome, 29 November 1565 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. VI, p. 526.
- ²⁴ ŽUPANOV, 1996.
- ²⁵ Duarte Leitão to the members of the Portuguese province, Goa, 16 November 1570, BNL, *Fundo Geral*, n. 4532, ff. 82 v-83 r.
- ²⁶ Gonçalo Alvares to Francisco Borja, Goa, December 1568, ARSI, Goa 11 II, ff. 508 r-508 v and Sebastião Fernandes to Francisco Borja, Goa, November 1569, ARSI, Goa 31, f. 225 r.
- ²⁷ SOUZA, 1978 [1710], I, 1, 7.
- ²⁸ Gomes Vaz to the General, Goa, 15 November 1575 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. X, p. 88.
- ²⁹ Alessandro Valignano to the General, Goa, 25 December 1574 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. IX, p. 512.
- ³⁰ Alessandro Valignano to the General, Chorão, 3 November 1576 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. X, p. 605.
- ³¹ *Catálogo dos Padres e Irmãos da Companhia de Jesu que forão mandados há India Oriental*, Anno 1574, ARSI, Goa, 24, f. 73 v.
- ³² Alessandro Valignano to the General, Lisbon, 8 March 1574 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. IX, p. 214.
- ³³ *Catálogo dos Padres e Irmãos da Companhia de Jesu que forão mandados há India Oriental*, Anno 1574, ARSI, Goa, 24, f. 73 v.
- ³⁴ Alessandro Valignano to the General, Goa, 25 December 1574 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. IX, p. 523. In Portugal, Antonio Velês' apparent psychological derangement was taken for special mystical devotion. He went back and was later dismissed.
- ³⁵ *Communium informationum catalogus Patrum ac Fratrum Societatis Iesu de Orientalis Indiae Provincia, mense Octobri anni 1575, ordinatus Goae a patre Provinciali et caet.*, ARSI, Goa, 24 I, 87 r.
- ³⁶ Alessandro Valignano to the General, Bassein, 3 January 1577, ARSI, Goa, 12 II, f. 416 r.
- ³⁷ Alessandro Valignano to the General, Goa, 16 September 1577 in *Documenta Indica*, 1948-1988, vol. X, p. 899.
- ³⁸ MACLAGAN, 1972, p. 24.
- ³⁹ SUBRAHMANYAM, 1996.
- ⁴⁰ Ruy Vicente to the General, Goa, 13 November 1579, ARSI, Goa, 12 II, f. 497 v.
- ⁴¹ Pasio to Aquaviva, Goa, 5 November 1581, ARSI, Goa, 47, ff. 199r-200v, and Ruy Vicente to the General, 17 November 1579, ARSI, Goa, 12 II, f. 507 r.
- ⁴² Dom Frei Henrique de Távora e Brito (1578-1581) was poisoned in Chaul. GONÇALVES, 1957-1962, vol. II, p. 437. The original manuscript dates from 1614.
- ⁴³ Ruy Vicente to the General, Cochim, 3 January 1581, ARSI, Goa, 13 I, f. 53v.
- ⁴⁴ Laerzio to Aquaviva, Goa, 3 November 1581, ARSI, Goa, 47, ff. 156 r-157 v.
- ⁴⁵ Pasio to Aquaviva, Goa, 5 November 1581, ARSI, Goa, 47, ff. 199 r-200 v.
- ⁴⁶ Gomes Vaz to Mercurian, Goa, 20 October 1578, ARSI, Goa, 31, ff. 404 v-405 r.
- ⁴⁷ Ruy Vicente to the General, Goa, 13 November 1579, ARSI, Goa, 12 II, f. 497 v.
- ⁴⁸ MARTIN, 1996, p. 200.
- ⁴⁹ SILVA, 2000, p. 67.
- FIGUEIREDO, João Manuel Pacheco, 1968 – Goa dourada nos séculos XVI e XVII: O hospital dos pobres do padre Paulo Camerete, esboço de sua reconstrução histórica. *Studia*. Lisboa. XXV, pp. 117-146.
- GONÇALVES, Sebastião, 1957-1962 – *Primeira parte da história dos religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram com divina graça na conversão dos infieis à nossa sancta fée catholica nos reynos e provincias da India Oriental*. Coimbra: Atlântida (ed. Joseph Wicki).
- GRACIAS, J. B. Amâncio, 1939 – *Médicos Europeus em Goa e nas Cortes Indianas nos séculos XVI a XVIII*. Bastorá: Tip. Rangel.
- MACLAGAN, Edward, 1972 – *The Jesuits and the Great Mogul*. New York: Octagon Books.
- MARTIN, Lynn A., 1996 – *Plague? Jesuit Accounts of Epidemic Disease in the 16th Century*. Kirksville, Mo.: Sixteenth Century Journal Publishers.
- O'MALLEY, John W., 1984 – Jerónimo Nadal and the Jesuit Vocation. In *Studies in the Spirituality of Jesuits*. Vol. XVI, Março/March, pp. 1-20.
- O'MALLEY, John W., 1993 – *The first Jesuits*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- ORTA, Garcia de, 1963 [1563] – *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinaes da Índia*. Lisboa: Academia das Ciências (reprodução facsimilada da impressão de/facsimile edition from, Goa, 1563).
- ORTA, Garcia de, 1987 [1563] – *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (reprodução facsimilada da edição de/facsimile edition by, Conde de Ficalho, 1891-1892).
- SÁ, Isabel dos Guimarães, 1997 – *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português 1500-1800*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- SILVA, Paulo José Carvalho da, 2000 – *A Tristeza na Cultura Luso-Brasileira: Os Sermões do Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Educ-Editora da PUC-SP.
- SOUZA, Francisco de, 1978 [1710] – *Oriente Conquistado a Jesus Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa*. Porto: Lello & Irmão (reprodução facsimilada da impressão de Lisboa/facsimile edition from Lisbon, 1710).
- SUBRAHMANYAM, Sanjay, 1996 – O "Inimigo Encuberto": a expansão Mogol no Decão e o Estado da Índia, c. 1600. *Povos e culturas*. Lisboa. 5, pp. 115-168.
- THOMAZ, Luís Filipe, 1994 – Goa: uma sociedade Luso-Indiana. In *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, pp. 245-289.
- VAUCHEZ, André, 1994 – *La spiritualité du Moyen Age occidental, VIII^e-XIII^e siècle*. Paris: Seuil.
- ŽUPANOV, Ines G., 1996 – Le repli du religieux: Les missionnaires jésuites du XVII^e siècle entre la théologie chrétienne et une éthique païenne. *Annales*. Paris. 6, pp. 1201-1223.
- ŽUPANOV, Ines G., 2002 – Drugs, health, bodies and souls in the tropics: Medical experiments in sixteenth-century Portuguese India. *The Indian Economic and Social History Review*. Delhi. Vol. XXXIX, n. 1, Janeiro/January-Marcho/March, pp. 1-45.

Se no projecto do arquitecto
para a sua nova casa, você
resolveu mudar:

o chão
as alcañiças,
os tapetes
os quadros
as estantes
os armários
a cozinha
os espelhos
as cortinas
as portas

está o seu automóvel!



No Phaeton pode escolher tudo, até o novo motor 3.0 V6 TDI.

O Phaeton é um automóvel à imagem de quem o conduz. Criado numa fábrica de vidro, especialmente concebida pela Volkswagen para o efeito, conta com um nível incomparável de equipamento e tecnologia e oferece-lhe possibilidades de escolha e combinações de cores, materiais e equipamentos quase infinitas. Porque o verdadeiro luxo é poder escolher.